MOSTEIRO DE SÃO BENTO: A ARQUITETURA IMPONENTE NA PAISAGEM URBANA DO RIO DE JANEIRO

Amanda Carolina Felício Vantini, Henrique Belorte, Jean Guilherme Oliveira, João Marcos Lourenço Bulzan, Fabrícia Dias da Cunha de Moraes Fernandes Borges.

Universidade do Oeste Paulista – Unoeste, Curso de Arquitetura e Urbanismo, Presidente Prudente, SP. E-mail: fabricia.arquiteta@gmail.com

RESUMO

O presente artigo, constitui uma pesquisa qualitativa, do tipo revisão bibliográfica e toma como recorte tipológico a análise do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, contextualizando seu período de implantação, ocorrida no século XVII, e compreendendo a espacialidade na arquitetura maneirista brasileira. Suas estruturas foram deliberadamente transformadas dos princípios do humanismo baseados na simplicidade para uma contenção ascética e a efeitos de gélido desequilíbrio. Desse modo, manifesta-se um panorama geral dos aspectos da obra em questão a empregar o termo maneirismo em sentido a designar os três momentos estilísticos diferenciados: maneirismo, barroco e rococó, classificando estes três estilos caracterizados por suas composições presente na obra em estudo.

Palavras-chave: Maneirismo; Arquitetura Brasileira; Período Colonial; Rococó; Barroco

MONASTERY OF SAO BENTO: THE IMPOSING ARCHITECTURE IN THE URBAN LANDSCAPE OF RIO DE JANEIRO

ABSTRACT

This article constitutes a qualitative research, of the bibliographic review type and takes as a typological cutting the analysis of the Mosteiro de São Bento in Rio de Janeiro, occurred in the XVII century, and comprehending the espaciality in the brazilian manneirist architecture. Your structures were deliberately changed from the principles of humanism based in the simplicity to an ascetic restraint and disequilibrium frigid effects. In that way, it manifests a scenery of the building's aspects, using the term mannerism in a sense that appoints three different stylistic moments: mannerism, baroque and rococo, cassifying these three styles characterized by compositions present in the work under study.

Keywords: Mannerism; Brazilian Architecture; Colonial Period; Rococo; Baroque.

INTRODUÇÃO

A arquitetura do maneirismo desenvolvida na década de 1520, com Michelangelo suplantou o estilo da alta Renascença de Bramante e Rafael. A princípio, definido como um estilo anticlássico, que rompe deliberadamente as regras da arquitetura clássica, criando efeitos de contínua desarmonia. As funções são indicadas claramente, transmitindo assim uma ambiguidade deliberada que, em suma, significa a antítese da simplicidade renascentista.

Com temas ambivalentes e funções duplas, o mesmo edifício é um palácio e um monastério e que a mesma pilastra que sustenta o entablamento, funciona como moldura lateral de um painel de parede. Assim, foi necessário romper com a rigidez imposta nos artistas, limitado por medidas, ordens e regras estabelecidas por Vitruvius (BURY, 2006).

Os edifícios maneiristas variam muito no grau e no modo de expressar os objetivos contra renascença, e até pouco tempo o maneirismo era classificado como - renascença tardia - pela despreensão de muitas de suas inversões dos princípios do estilo anterior.

São princípios característicos dos arquitetos maneiristas o papel educativo e missionário, o ideal da igreja acessível a todos os homens, a aplicação dos sentimentos aos objetivos cristãos, o respeito à disciplina, a determinação de expurgar da igreja aos elementos seculares e pagãos, assim como a tolerância às formas exteriores.

Conforme a definição de Pevsner (1946), citado por Bury (1950, p. 216) o estilo maneirista abrange

Todos os aspectos que suscitam sensações de instabilidade, monotonia, rigidez ou conflito, como ocorre nos planos ovais, fachadas e cômodos de excessivo comprimento ou altura, descontinuidades espaciais resultantes da inserção de loggias, etc.

Assim, a arquitetura maneirista luso-brasileira embora robusta, apresentava-se despojada e reconhecida por a arquitetura chã, simplificada (BAZIN, 1956).

METODOLOGIA

Neste estudo, faz-se uso da análise qualitativa pois, de acordo com Minayo (2001) corresponde a questões particulares que se preocupa nas ciências sociais com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Além disso, Minayo (2001) salienta da importância de se utilizar a objetivação, pois é preciso reconhecer a complexidade do objeto de estudo e, por fim, analisar todo o material e forma específica e contextualizada.

Para auxiliar na conclusão desta pesquisa, livros, documentários e outros escritos serão analisados a fim de servirem como referência. Este método chamado de levantamento bibliográfico, de acordo com Koche (1997) dá credibilidade ao trabalho, uma vez que, parte de observações feitas de forma singular das obras que tratam do mesmo assunto e por meio desta observação pode-se compreender a construção histórica, cultural e social do objeto de estudo.

RESULTADOS

O Mosteiro de São Bento (Figura 1) teve suas obras iniciadas por volta de 1617, com projeto do engenheiro militar Francisco Frias de Mesquita. As obras definitivas do mosteiro foram construídas aos poucos, em acordo com as posses da Abadia. A partir de 1669, o arquiteto português frei Bernardo de São Bento Correia de Souza assumiu a obra,

contanto ainda com a colaboração do escultor frei Domingos da Conceição e do pintor Frei Ricardo do Pilar (ARRUDA, 2007).

Figura 1. Pintura, 1841 artista francês, Jules de Sinety.

Fonte: Diário do Rio, 2016.

Originalmente, o engenheiro militar Francisco de Frias da Mesquita tinha previsto um quadrilátero constituído de três blocos principais e apoiado à igreja formando somente um corredor sobre o claustro. A ala sul foi construída isoladamente, no prolongamento da fachada da igreja, entre 1660 e 1663 (ARRUDA, 2007).

Em 1684, Frei Bernardo de São Bento projetou a duplicação da ala norte do mosteiro para abrigar um grande refeitório e, em cima deste, uma biblioteca; essa construção foi edificada no prolongamento da grande sacristia, encostada à capela mor da antiga igreja, traçada por Francisco de Frias. A ala leste foi terminada em 1695 (Figura 2) (ARRUDA, 2007).

Figura 2. Planta – Morfologia espacial

- 1- Galilé (nartex)
- 2- Nave
- 3- Prebistério
- 4- Altar Mór
- 5 - Altar Lateral
- 6 - Capelas
- 7- Sacristia
- 8- Torre sineira

Fonte: ALVIM, 1999; modificado por autores.

As fundações da ala norte, que contém o refeitório e a biblioteca, foram feitas no século XVII, com base em documentos datados de 1684, embora a ala tenha sido concluída apenas em 1742. O refeitório monástico é uma sala com abóbada de berço, de arco abatido, com lunetas e arcos dobrados; possui um púlpito ao qual se tem acesso através de uma escada escavada na parede, elemento comum nos refeitórios monásticos europeus da Idade Média (ARRUDA, 2007).

Além disso, Bazin (1956) pontua que o claustro possui galerias com abóbadas de arestas entre arcos dobrados (Figura 3) que se apoiam sobre sólidos pilares de grés, de corte quadrangular, coroados por uma molduragem dórica e ladeados nas faces interna por uma pilastra e externa com duas fileiras de pedras salientes. Do mesmo modo, surgem-se quatro corredores cobertos nas galerias do claustro (Figura 4), que servem de acesso às celas e que se alargam nos cantos livres do quadrilátero, formando vastos salões com vista para o mar, tetos de cedros, em forma de tronco de pirâmide e mobiliados com magníficos bancos de jacarandá, executados em 1756-1760 (BAZIN, 1956).

Fig. 3 Claustro, Mosteiro RJ

Fonte: MARTINS, flickr, 2015.

Fig. 4 Claustro, Mosteiro RJ

Fonte: MARTINS, flickr, 2015.

Tratando-se de uma igreja conventual, o visitante penetra inicialmente na galilé - vestíbulo entre a entrada e a nave – (Figura 5) composta de três arcos que marcam a fachada, cujos arcos foram fechados em 1880 por grades de ferro de primoroso desenho, com emblemas da Ordem Beneditina e dos santos venerados nos retábulos. O teto de abóbadas de arestas do século 18 e o piso está revestido em mármore (OLIVEIRA, 2008).

DISCUSSÃO

Três momentos estilísticos diferenciados, perfeitamente integrados no conjunto, integram-se em simbiose na decoração. O primeiro é a característica maneirista do século XVII, presente nas pilastras que separam as naves (Figura 6), na bela decoração pictórica da abóbada da nave, com apainelados geométricos que imita diferentes texturas de marmorizados e um corpo central com três arcos de entrada (OLIVEIRA, 2008).

Figura 5. Vista lateral da galilé.

Fonte: Stankuns, Flickr, 2001.

Figura 6. Pilastras, Mosteiro RJ

Fonte: Stankuns, Flickr, 2001.

Um grandioso projeto de revestimento total da igreja, datada por volta de 1680 e 1717. O estilo nacional português percorre pela talha dourada das paredes, tetos e pilastras que separam as naves (Figura 6), configurando uma verdadeira floresta de acantos, povoada de anjinhos e putti com guirlandas de flores ou cavalgando pássaros fênix. Essa decoração incluía retábulos de colunas torsas e arquivoltas concêntricas, ornamentação das paredes e do teto da capela-mor com pinturas figurativas de santos da Ordem Beneditina (OLIVEIRA, 2008).

O terceiro momento estilístico presente na decoração do Mosteiro, surgiu de uma reforma na capela-mor e do arco cruzeiro no estilo rococó, por volta de 1788 e 1794. A mudança primordial foi o retábulo de colunas torsas, que ocupa toda a parede do fundo, tendo ao centro um trono monumental de cinco degraus escalonados e, no topo, a Virgem de Montesserrate. O douramento total desse retábulo e das molduras de talha das pinturas, eliminando, portanto, os fundos claros do rococó para maior harmonia com a talha da nave já executada. O mesmo princípio foi observado no arco cruzeiro e na capela do Santíssimo Sacramento, à esquerda, construída e decorada entre 1795 e 1800, sem dúvida um dos mais refinados espaços do rococó carioca (OLIVEIRA, 2008).

Alvim (1997) detalha o corpo central da fachada, dizendo que esta é marcada por pilastras em cantaria e delimitada nas laterais com coruchéus, além de serem ladeado por torres recuadas em direção a fachada (Figura 7). Além disso, Alvim (1997) continua salientando que as torres são cobertas por pirâmides que, junto com as envasaduras, dividem a composição em cinco tramos e duas partes horizontais e que:

A primeira, em cantaria, é construída por arcadas de acesso a galilé (Figura 2), com três portões em serralheria (Figura 5) e a segunda, por três janelas voltadas para o coro (Figura 6). Com janela no Típano, um frontão triangular encimado por cruz em pedra arremata o corpo central. (ALVIM, 1997, p.97).

Figura 7. Fachada austera do mosteiro

Fonte: Stankuns, Flickr, 2001.

A sobriedade da fachada (Figura 8) contrasta com a opulência da decoração interna, realizando plenamente o duplo objetivo, típico do barroco religioso, de deslumbrar os sentidos e propiciar uma atmosfera favorável à recepção da mensagem do dogma cristão (OLIVEIRA, 2008).

Figura 8. Fachada Mosteiro de São Bento, RJ

1. Cantaria - pedra trabalhada - a alvenaria caiada.
2. Frontão triangular.
3. Duas torres laterais terminadas em pirâmides.
4. Coroadas por pináculos.
5. Coruchéus esféricos.
6. Dois sinos de bronze de tamanhos diferentes
7. frontispício

Fonte: Autores, 2018.

A planta da igreja de São Bento (Figura 2) passou por várias modificações no decorrer da história. Antes possuía um corredor e uma sacristia única, do lado da Epístola, porém com a reforma do Frei Bernardo de São Bento, esta área se transformou em um templo de três naves dividido por arcos duplos em cantaria, capela mor com tribunas e claraboia e dependências (ALVIM, 1997).

Observem-se, na nave esquerda, três capelas individuais e a do Santíssimo Sacramento, separada por grade; na direita, quatro capelas, cujo teto é formado por arcos entrecruzados, com exceção da capela do Santíssimo Sacramento, que é de abobada de berço (ALVIM, 1997, p. 195).

Conforme Ching (2013) acentuamos que a ordem e a composição da forma arquitetônica do Mosteiro de São Bento carregam uma distribuição e disposição equilibrada

de formas e espaços equivalentes em lados opostos de uma linha ou plano divisor composta por adição de quadriláteros, triângulos e plano base (Figura 9).

Figura 9. Fachada Mosteiro de São Bento, RJ

Fonte: Unirio, s/d.

A planta é de organização aglomerada, formado por quadriláteros, e a circulação se dá ao encontro desses quadriláteros (Figura 10). O fechamento vertical é formado por quatro planos criando uma arquitetura introvertida que se adequa com o contexto barroco e rococó.

Figura 10. Planta baixa Mosteiro de São Bento, RJ

Fonte: Unirio – SANDRA, s/d.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A igreja foi construída para marcar a religião beneditina na cidade do Rio de Janeiro, impondo na cidade a sensação de domínio conforme implantado em um lugar de destaque e apresentando uma certa monumentalidade da obra. Ao analisarmos a obra, percebemos que os três elementos estilístico em sua composição é consequência do tempo de construção do Mosteiro, transitando do início do século XVII até a sua finalização datada no final do século XVIII.

Diante nisso, em sua composição está presente o estilo maneirista representando nas pilastras que separam as naves e em sua fachada sobrea e robusta, enquanto o estilo rococó encontra-se no revestimento total da igreja com talhas douradas e

pinturas figurativas de santos. Além disso, outro estilo que se derrama sobre a obra é o barroco, com douramento total do retábulo das colunas torsas, eliminando a pintura clara do estilo anterior.

Portanto, o Mosteiro apresenta três momentos estilísticos diferentes, que proporciona contrastes entre o robusto externo e o rebuscado interno, com finalidade de proporcionar duplo sentido, característico do barroco religioso, e que da porta para dentro o espaço era um lugar divino e de respeito ao dogma cristão. Assim, o Mosteiro de São Bento representa o maior patrimônio artístico e arquitetônico do Rio de Janeiro do século XVIII e um dos mais significativos exemplos da arte maneirista no Brasil.

REFERÊNCIAS

ALVIM, S. Arquitetura Religiosa Colonial no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, IPHAN, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1997.

ARRUDA, V. Tradição e Renovação: a arquitetura dos mosteiros beneditinos contemporâneos no Brasil. Dissertação de mestrado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2007.

BAZIN, G. A arquitetura religiosa barroca no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Record, 1956, V.1.

BURY, J. Arquitetura e Arte no Brasil Colonial. John Bury; organizadora Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira. – Brasília, DF: IPHAN / MONUMENTA, 2006.

CHING, F. Arquitetura Forma, Espaço e Ordem. Porto Alegre: Bookman, 2013. V.3

OLIVEIRA, M. A. R. Barroco e Rococó nas Igrejas do Rio de Janeiro. Brasília, DF: Iphan/Programa Monumenta, 2008. 3 t.

KÖCHE, J. C. Fundamentos de metodologia científica: Teoria da ciência e iniciação à pesquisa. 20. ed. atualizada. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MINAYO, M. C. de S. Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.